

APRISIONADAS: O ENCARCERAMENTO SIMBÓLICO DAS MULHERES REPRESENTADO NA WEB

SÉRIE *ORANGE IS THE NEW BLACK*

Júlia dos Anjos Costa¹

Resumo: O desenvolvimento da presente pesquisa busca evidenciar as opressões falocêntricas sofridas por personagens femininas na websérie *Orange is the new black*, visando compreender como as situações enfrentadas pelas personagens dentro da prisão podem representar estas mesmas opressões vividas pelas mulheres nas diferentes estruturas e níveis sociais, instaurando um encarceramento simbólico, operado e mantido pela dominação masculina. Para tanto, nesta etapa da pesquisa, serão analisados os treze episódios da quarta temporada da web série, escolhida por evidenciar estas opressões de modo mais violento, recortando as cenas que passarão por posterior análise crítico-reflexiva, a fim de identificar as referidas opressões. O processo em andamento consiste, ainda, no levantamento de uma base bibliográfica mais abrangente e condizente com o problema proposto. Associando-se ao cumprimento das exigências do curso, realizou-se no semestre 2018.2 o tirocínio docente na disciplina Ficção Brasileira Contemporânea, onde foi possível trabalhar os gêneros biográficos e autobiográficos de autoria feminina. Tal escolha valida-se como de grande contribuição por revelar o silenciamento da escrita feminina, caracterizando uma das formas de opressão perpetuadas na sociedade. Espera-se, portanto, nesta etapa, o avanço da pesquisa através da análise aprofundada das cenas recortadas, do levantamento bibliográfico e da produção de textos como fomentadores da escrita da dissertação.

Palavras-chave: Falocentrismo. Web série. *Orange is the new black*.

INTRODUÇÃO

Os inquietantes pensamentos que despertaram a presente pesquisa em andamento adquiriram ainda mais força durante o segundo semestre deste ano, em uma ebulição constante provocada pelo escancarar cada vez maior das opressões que permeiam a vida das mulheres, em uma sociedade fundamentada no falocentrismo e pelas mais variadas formas de dominação masculina. As transformações políticas ocorridas em 2018 e atual cenário negativo para o ano seguinte têm revelado em muitas instâncias como ainda está arraigado em nossa cultura um ideal equivocado e preconceituoso contra as ditas minorias onde as mulheres também estão inseridas.

Apesar do cenário político e social desanimador em que estamos vivendo, podemos observar na história da humanidade uma ciclicidade de lutas necessárias para conquistar e manter direitos que são, de tempos em tempos, postos a mercê da decisão daqueles que não acreditam sequer na legitimidade destes.

As redes sociais têm se constituído em um relevante laboratório onde observamos, tal como um termômetro, o nível de ignorância, manipulação midiática e disseminação do discurso de ódio direcionado a diversas questões, inclusive as que afetam diretamente o direito das

¹ Graduada em Comunicação Social pela Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana (UNEF/FAN). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientador: Profa. Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira. Endereço eletrônico: julia.anjoscosta@hotmail.com.

mulheres sobre seus próprios corpos, comportamento e posição dentro de um sistema que se esforça para ser cada vez mais opressor e perpetuação essa dominação e forma de encarceramento simbólico.

Desse modo, percebe-se a urgência em aprofundar e expandir os estudos de gênero como sendo também uma forma de resistência, na tentativa de provocar rupturas capazes de desestabilizar este sistema que está posto.

DEFININDO O OBJETO E OBJETIVOS

Retomando o objeto que deu origem a esta pesquisa, destacamos a quarta temporada da websérie *Orange is the new black*, produzida e exibida pela plataforma Netflix desde 2013.

Ainda que seja baseada na obra autobiográfica de uma mulher branca e elitista que foi condenada por lavagem de dinheiro e associação ao tráfico de drogas, a websérie não se limita a desenrolar seu enredo focado apenas nisso. Ambientada em uma penitenciária feminina nos Estados Unidos a história aborda a vida das detentas a partir de temas sensíveis como misoginia, aborto, racismo, intolerância religiosa, LGBTfobia, cultura do estupro, abandono de paternidade, abuso de poder, inoperância do sistema judiciário e penitenciário feminino, entre outros assuntos que foram, durante muito tempo, evitados pela mídia tradicional. Sob o estilo dramático pincelado pela leveza da comédia, a websérie *Orange is the new black* faz uso da linguagem audiovisual como ferramenta de discussão sobre esses temas presentes tanto dentro quanto fora de uma penitenciária, assim como aborda sutilmente a atuação do feminismo na promoção do empoderamento das mulheres.

No presídio feminino de *Orange is the new black*, as problemáticas sociais, culturais, raciais e de gênero se desenvolvem, então, em torno destas novas protagonistas: reais, acessíveis, imperfeitas, contraditórias, próximas do espectador. Novos caminhos são traçados, o feminino ganha força e o masculino não se perde em suas tradicionais determinações de autoridade. Outras configurações de gênero se apresentam e apontam para uma diluição das fronteiras dicotômicas que aprisionam subjetividades em padrões de comportamento pré-determinados. *Orange* é uma outra narrativa, em um formato midiático inovador e, conjugando uma coisa e outra, dela pode despontar novas perspectivas de gênero no imaginário televisual (MONTORO; DALA SENTA, 2015, p. 78).

O desenvolvimento deste trabalho busca evidenciar as opressões falocêntricas sofridas por personagens femininas na websérie *Orange is the new black*, visando compreender como as situações enfrentadas pelas personagens dentro da prisão podem representar estas mesmas opressões vividas pelas mulheres nas diferentes estruturas e níveis sociais, instaurando um encarceramento simbólico, operado e mantido pela dominação masculina.

[...] falar da mulher, em termos de aspiração e projeto, rebeldia e constante busca de transformação, falar de tudo o que envolva a condição feminina, não é só uma vontade de ver essa mulher reabilitada nos planos econômico, social

e cultural. É mais que isso. É assumir a postura incômoda de se indignar com o fenômeno histórico em que metade da humanidade se viu milenarmente excluída nas diferentes sociedades no decorrer dos tempos (TELES, 2017 apud RIBEIRO, 2018, p. 44).

Em treze episódios com duração de 50 minutos cada, a temporada dá prosseguimento a narrativa estabelecida ao longo das temporadas anteriores, evidenciando, no entanto, um enredo que suscita as opressões sofridas pelas detentas de modo mais violento. A partir desse questionamento inicial, definiu-se como um dos objetivos gerais o exercício de evidenciar as opressões falocêntricas sofridas pelas personagens femininas da web série e que são inculcadas nos sujeitos e naturalizadas pela sociedade, trabalhando com o conceito de encarceramento simbólico. Bourdieu (1989) define o poder simbólico como “esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (p. 7).

Torna-se cada vez mais relevante suscitar o debate a respeito das opressões falocêntricas nos mais diversos ambientes em que se manifestam, observando minuciosamente suas origens e atuação para que seja possível desconstruí-las.

O debate sobre dominação masculina nas sociedades contemporâneas – ou o patriarcado, como preferem algumas – abriu portas para tematizar, questionar e complexificar as categorias centrais por meio das quais era pensado o universo da política, tais como noções de espaço público, de autonomia, de igualdade, de justiça ou de democracia (MIGUEL, 2014, p. 17).

Complementando a análise, objetiva-se também operar como dispositivo de reflexão crítica acerca das produções audiovisuais executadas pela Indústria Cultural, que faz uso de questões sociais como instrumentos de dominação.

No desdobramento destes objetivos, parte-se da realização do recorte de cenas específicas que possam revelar as opressões instauradas pelo poder simbólico do falocentrismo. Esse recorte possibilitará analisar as cenas com uma visão comparativa entre as opressões vividas pelas detentas fictícias e as mulheres cotidianas, observando inclusive os modos de resistência das personagens diante das opressões sofridas e suas implicações. Desse modo, também será possível destacar a importância das teorias feministas como ferramenta de combate e desconstrução diante do discurso falocêntrico.

Associando-se a esse processo, torna-se de relevância analisar a transposição da obra literária para uma adaptação fílmica (no caso, seriada) e como ocorre esse processo, em virtude da possibilidade de amplitude das interpretações rizomáticas da obra original. Assim, busca-se também verificar os modos de dominação instaurados pela Indústria Cultural ao tomar uma obra literária de autoria feminina e transformá-la em um produto audiovisual, fazendo uso de questões sociais como um nicho de mercado a ser explorado.

Realizar uma análise crítico-reflexiva sobre o conteúdo da série, com enfoque nas opressões falocêntricas sofridas pelas personagens e que também são vividas por mulheres comuns do nosso cotidiano, torna-se um amplo espectro de discussão que contribui significativamente para o campo da crítica cultural. Da mesma forma, esmiuçar os mecanismos de adaptação de uma obra literária para um produto audiovisual, fazendo uso de questões sociais, revela uma intencionalidade por parte da Indústria Cultural que também é válida ser estudada e se adequa ao mesmo campo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Baseando-se nos estudos dos conceitos de poder simbólico, violência simbólica e dominação masculina, invocamos os referidos conceitos cunhados por Pierre Bourdieu (1989; 1998) tendo a definição de falocentrismo como ponto inicial.

Igualmente importante é a fundamentação em teorias feministas pela abordagem de Naomi Wolf (1992), Andrea Nye (1995), Susan Faludi (2001), Simone de Beauvoir (1967), Betty Friedan (1971), Ana Maria Colling (2015), Carole Pateman (1993), Heleieth Saffioti (2011), Kate Millet (1970), Angela Davis (2014), Djamilia Ribeiro, Joice Berth (2018), Flávia Biroli (2014), Juliana Borges (2018), entre outros, onde pretende-se buscar as origens das opressões resultantes da desigualdade de gênero, também sob a perspectiva de raça e classe.

Tratando-se de uma websérie produzida pelo viés da adaptação fílmica de uma obra literária e diante da relação simbiótica entre a literatura e o campo audiovisual, invocamos Santiago (2000) para, baseando-se no seu conceito desmontado de análise — onde realiza-se a decomposição do objeto para construir um novo significado — tentaremos compreender como se dá o movimento de transposição de uma narrativa literária para as telas.

Essa transposição possibilita uma diversidade de interpretações consideradas como rizomáticas, guiando-se pelo conceito de rizoma cunhado por Deleuze & Guattari (1996), que explica a construção de narrativas paralelas em direções diferentes.

METODOLOGIA

Esse estudo se realizará inicialmente o recorte de cenas específicas que revelem opressões instauradas pelo poder simbólico do falocentrismo. A análise das cenas recortadas possibilitará um desdobramento comparativo entre as opressões vividas pelas detentas fictícias e as mulheres cotidianas. Paralelamente, ao mesmo tempo em que serão feitas leituras e análises do conteúdo da websérie e do livro que lhe deu origem, também se fará necessário o levantamento de um referencial teórico que fundamente o dissertar sobre os conceitos a serem discutidos (falocentrismo, poder simbólico, dominação masculina, adaptação fílmica, Indústria Cultural).

O levantamento de bibliografia relevante através da pesquisa bibliográfica e documental, associada a análise qualitativa de material texto-audiovisual, fazem parte do exercício metodológico de investigação da presente pesquisa em desenvolvimento.

ESCRITAS DE SI ESCRITAS NO OUTRO: EXPERIÊNCIA COM O TIROCÍNIO DOCENTE

Atendendo ao requisito obrigatório da grade curricular do Mestrado em Crítica Cultural (PósCrítica), no período de setembro a dezembro de 2018, correspondente ao segundo semestre do curso, cumpriu-se o tirocínio docente na disciplina Ficção Brasileira Contemporânea, no curso de licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e literaturas, na Universidade do Estado da Bahia – Campus II / Alagoinhas.

A antecipação do cumprimento do tirocínio, que de acordo com o cronograma só aconteceria no terceiro semestre do mestrado, se deu pelo fato de duas das três disciplinas optativas já terem sido cursadas no ano 2017 em caráter de aluna especial.

O plano de aula elaborado para o componente Ficção Brasileira Contemporânea procurou abarcar textos diversos que abordassem os conceitos de biografia e autobiografia de autoria feminina, destacando como esses gêneros ficaram caracterizados como a escrita de mulheres, sendo por muito tempo desconsiderados como literatura. Tal abordagem validou-se como de grande contribuição a presente pesquisa por revelar o silenciamento da escrita feminina, caracterizando uma das formas de opressão perpetuadas na sociedade.

Experienciar o tirocínio docente trouxe uma contribuição teórica relevante que tem enriquecido a presente pesquisa, bem como possibilitou também o estabelecimento de um contato mais próximo com os discentes enquanto facilitadora de discussões e relatos de si desses sujeitos, o que nos revelou, para além da teoria, como as narrativas são construídas e permeadas pela cultura em que somos inseridos antes mesmo de nascermos.

Como parte do processo avaliativo do componente, foi proposta a realização de um colóquio² intitulado “A vida como narração”, onde os discentes da turma deveriam convidar três mulheres para relatarem suas histórias sob suas próprias perspectivas, nitidamente diferentes da visão que os outros teriam sobre elas. Em suas narrativas, as convidadas Iraci Gama Santa Luzia (professora aposentada e atual vice-prefeita de Alagoinhas); Valquíria Araújo Santos (auxiliar de serviços gerais no Campus II) e Norma Soares Ferreira (professora voluntária de artesanato para mulheres carentes) contaram um pouco das suas trajetórias de vida, dando enfoque nos problemas enfrentados nesse percurso e atuais demandas que lhes desafiam cotidianamente.

² Colóquio realizado no dia 28 de novembro de 2018, no Auditório Carolina Maria de Jesus.

Dentre esses problemas, Valquíria e Norma relataram os casos de abuso sexual que sofreram desde a infância e que lhes trouxeram, além do julgamento social, consequências psicológicas que as prejudicam até os dias atuais. Iraci relatou as dificuldades para conseguir estudar e a discriminação sofrida estando em um espaço de poder. Em ambos os relatos ficou nítido como as opressões falocêntricas se moldam a diferentes espaços e realidades para conseguir dominar as mulheres, tanto de forma física e sexual, quanto intelectual e psicológica.

PUBLICAÇÃO EM ANAIS 2018. 2

Durante o segundo semestre de 2018, houve a participação em dois eventos de grande relevância, com publicações encaminhadas aos seus respectivos anais. Na II Conferência Internacional Intersexualidades / Interseccionalidades em Salvador³, foi apresentado o artigo “Corpos (im)perfeitos no Youtube: a disseminação do discurso de autoaceitação em uma plataforma digital.” Já no XX REDOR – Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero⁴, também em Salvador, foi apresentado o artigo “Liberdade vigiada: a perpetuação do encarceramento simbólico em *Orange is the new black*.”

CRONOGRAMA PARA 2019

Dando prosseguimento aos semestres subsequentes, planeja-se a publicação em revistas, a pesquisa orientada e escrita da dissertação, com previsão de qualificação para junho de 2019, seguida pela defesa da dissertação em dezembro do mesmo ano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os construtos sociais que tornam a mulher prisioneira de um sistema de dominação, antes mesmo dela compreender-se como dominada, é algo observável em todas as instâncias e contextos por onde seus caminhos de vida são traçados. Neles, a mulher encontrará diversas formas de submissão a lhe serem impostas e a primeira forma de resistência e combate é tomar consciência desta posição. Esse processo é algo possibilitado pelos ideais feministas, que tem por destino, a libertação das amarras hegemônicas do patriarcado, fundamentadas no falocentrismo. No entanto, perceber-se como vítima deste encarceramento simbólico que molda suas vontades e poda qualquer iniciativa que destoe dos padrões é algo gradativo e requer um exercício constante de questionamento.

³ Evento realizado de 5 a 7 de setembro, na UNEB – Campus Jequitaia.

⁴ Evento realizado de 4 a 7 de dezembro de 2018, na UFBA – Campus Ondina.

Investigar as mais diversas manifestações de dominação masculina faz parte do referido questionamento necessário e é partindo dessa premissa que a presente pesquisa se apoia, utilizando um produto audiovisual como objeto de análise. O aprofundamento em leituras teóricas, a execução do tirocínio docente e o exercício frequente de observação das próprias vivências e experiências, assim como dos outros sujeitos, contribuiu e continuará contribuindo para a construção desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. A indústria cultural – o esclarecimento como mistificação das massas. In: *Dialética do Esclarecimento*. Alemanha, 1947.
- ALMEIDA, A.; ALVES, I. *Mulheres em seriadados: configurações*. Salvador: Edufba, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs - capitalismo e Esquizofrenia*. V edição. Rio de Janeiro. Editora 34, 1996. Volume 3.
- GALLOP, Jane. Além do falo. *Cadernos Pagu*. Nº 16, p. 267-287, 2001.
- KELLNER, D. A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Trad. De Ivone Castilho Benedetti. Bauru/SP: EDUSC, 2001.
- MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- MONTORO, T. S.; DALA SENTA, C. R. M. Orange é o novo gênero: ressignificações e transsignificações do feminino/masculino em formato televisivo para plataforma web. *Revista Cultura Midiática*, UFPB, v. 15, p. 75-91, 2015.
- RIBEIRO, Djamil. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Cia das Letras, 2018.